

Sala do Instituto de Estudos Brasileiros
2 e 3 de outubro de 2025

O PROPÓSITO COSMOPOLITA LER ABEL BARROS BAPTISTA A LER MACHADO DE ASSIS

UM COLÓQUIO NOS 100 ANOS DA SALA
DO BRASIL - INSTITUTO DE ESTUDOS
BRASILEIROS DA FLUC



UNIVERSIDADE DE
COIMBRA

DEPARTAMENTO DE
LÍNGUA LITERÁRIA
E CULTURA



INSTITUTO
DE ESTUDOS
BRASILEIROS



Centro de
Literatura
Portuguesa

Atividade financiada por fundos nacionais através da FCT –
Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do
projeto “UIDB/00759, Centro de Literatura Portuguesa”

PROGRAMA

2 de outubro

9:30 Abertura

10:00 Roberto Vecchi, “Abel, Agatha, Machado e *The Murder of Roger Ackroyd*. Crítica literária e arte do esquecimento”

10:45 Humberto Brito, “A Forma Livre”

11:30 Pausa para café

12:00 Marcelo Brice [por zoom], “O verdadeiro Machado de Assis? O confronto crítico de Abel Barros Baptista”

12:45 Pausa para almoço

15:00 Osvaldo Manuel Silvestre, “O Machado não camiliano de Abel Barros Baptista”

15:45 Pedro Serra, “Autobibliografias, Ficção Literária e Atualidade do Close Reading”

3 de outubro

10:00 Joana Matos Frias, “Repelir a Solidão: a felicidade pela autobibliografia”

10:45 Amândio Reis, “Nome sem Fantasma”

11:30 Pausa para café

12:00 Clara Rowland, “Duas ou três coisas que sei sobre ela’: suposições na ficção de Machado”

12:45 Pausa para almoço

15:00 Paulo Franchetti [por zoom], “Memória e Comentário”

15:30 Alcir Pécora [por zoom], “Uma crítica mesquinha”

16:15 Encerramento

16:15 Carlos Mendes de Sousa, “Abel Barros Baptista: o nome, a escrita”

16:30 Abel Barros Baptista, “Considerações desvanecidamente epilogais”

APRESENTAÇÃO SUMÁRIA DOS PARTICIPANTES

ALCIR PÉCORÁ cursou Artes Plásticas, na PUC-Campinas, licenciando-se em Educação Artística em 1974. Ingressou no Curso de Ciências Humanas (IFCH-Unicamp), bacharelando-se em Linguística, em 1976. Em 1977, foi efetivado como docente do DTL/IEL/UNICAMP, onde atuava como monitor desde 1975. Também na UNICAMP, defendeu o Mestrado em Teoria Literária, em 1980. Obteve o Doutorado na USP, na área de Teoria Literária e Literatura Comparada, em 1990, com a tese “Teatro do Sacramento. A unidade teológico-político-retórica nos sermões de Vieira”. Livre-docente, pela UNICAMP, em 2000, com os escritos reunidos em *Máquina de Gêneros*. Pós-doutorado no Dipartimento di Studi Romanzi della Università degli Studi di Roma “La Sapienza” (2004-5). Diretor do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL-UNICAMP), na gestão 2007-2011. Professor Titular da Área de Teoria Literária, no Departamento de Teoria Literária do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), desde 2012. Membro da Accademia Ambrosiana (Milão, Itália), Classe di Studi Borromaiici. Autor dos projetos de criação do Instituto de Estudos Avançados (IDEA), da UNICAMP, do qual foi coordenador (2017-2021), e da BORA (Biblioteca de Obras Raras da Unicamp). Editor literário das obras de Hilda Hilst, Roberto Piva e Plínio Marcos, entre outros.

AMÂNDIO REIS é professor na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e investigador no Centro de Estudos Comparatistas. Publicou diversos títulos de poesia e prosa, bem como o livro de ensaio *Short Stories, Knowledge, and the Supernatural* (Palgrave, 2022), sobre Machado de Assis, Henry James e Guy de Maupassant. É organizador dos *Contos Completos de Machado de Assis* (E-Primatur, dois volumes publicados em 2024-2027).

CLARA ROWLAND é Professora Catedrática no Departamento de Estudos Portugueses da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Desenvolve o seu trabalho nas áreas da Literatura Brasileira, da Literatura Comparada e dos Estudos Interartes. Entre 2012 e 2016 foi coordenadora do projeto Falso Movimento – estudos sobre escrita e cinema, no âmbito do qual editou, com Tom Conley, *Falso Movimento: ensaios sobre escrita e cinema* (Cotovia, 2016). As suas publicações na área dos Estudos Brasileiros incluem ensaios sobre Guimarães Rosa, Clarice Lispector, Bernardo Carvalho e Carlos Drummond de Andrade, entre outros. O seu livro *A Forma do Meio. Livro e Narração na obra de João Guimarães Rosa* foi publicado em 2011 pela Unicamp/Edusp. *A Língua dos Filhos: ensaios* e *Desconhecido na morada: a carta no cinema* foram publicados em 2024 pela Tinta-da-China e pela Documenta, respectivamente. Coordena, com Abel Barros Baptista, a colecção de literatura brasileira *Os Melhores Deles Todos* na Tinta-da-China.

HUMBERTO BRITO é Professor Auxiliar do Departamento em Estudos Portugueses da Universidade Nova de Lisboa, FCSH. Como visitante, ensinou na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (2009), onde se doutorou em Teoria da Literatura (2007), e ainda na Universidade de Stanford (2009, 2014), na Universidade de Chicago (2011) e na Universidade de Nova Iorque, NYU (2023-2024). Tem publicado ensaios sobre Pessoa, Machado de Assis, Flaubert, Kafka, entre outros. A sua investigação actual centra-se em questões que intersectam a literatura e a fotografia. Escreve para a Quatro Cinco Um.

JOANA MATOS FRIAS é Professora Catedrática na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e diretora da revista Colóquio. De entre as suas publicações, repartidas pelas literaturas portuguesa e brasileira, destaquem-se os livros *O Erro de Hamlet: Poesia e Dialética em Murilo Mendes* (2001) – com que venceu o Prémio de Ensaio Murilo Mendes –, a antologia de poemas de Ana Cristina César, *Um Beijo que Tivesse um Blue* (2005), *Repto, Rapto. Alguns ensaios* (2014), *Cinefilia e Cinefobia no Modernismo Português* (2015) *O Murmúrio das Imagens* (Afrontamento, 2019) e, mais recentemente, *Oscilações (poesia em todos os sentidos)* (2023).

MARCELO BRICE é doutor em Sociologia pela Universidade Federal de Goiás - UFG (2016), mestre em Sociologia pela mesma universidade e graduado em Ciências Sociais, também pela UFG. Realizou estágio pós-doutoral em literatura na Universidade Nova de Lisboa (UNL-IELT), sendo investigador do Instituto de Literatura e Tradição na Universidade Nova de Lisboa (UNL-IELT). É professor adjunto de sociologia no curso de Ciências Sociais na Universidade Federal do Tocantins - UFT. Foi coordenador do curso de Ciências Sociais - UFT, presidente do N.D.E (Núcleo docente estruturante) do curso e também vice-diretor do campus de Porto Nacional - UFT. Tem experiência na área de Sociologia, com ênfase em teoria sociológica, sociologia da cultura, sociologia brasileira, sociologia da literatura, sociologia da crítica literária e da cultura. Atuando principalmente nos seguintes temas: Machado de Assis, crítica machadiana, arte e sociedade, estética, literatura, discurso, pensamento social no Brasil, desenvolvimento, poder e política.

OSVALDO MANUEL SILVESTRE é Professor Associado da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, na qual leciona Teoria da Literatura, Literatura Brasileira e Cinema. É coordenador do Instituto de Estudos Brasileiros e dirigiu, no biénio 2021-23, o Departamento de Línguas, Literaturas e Culturas da sua Faculdade. É membro integrado do Centro de Literatura Portuguesa, coordenando aí o projeto 'VOX MEDIA. A Voz na Literatura'. É responsável científico pelo espólio de Carlos de Oliveira no Museu do Neo-Realismo. Os seus últimos títulos publicados foram o volume coletivo, que organizou, *Eduardo Lourenço: um tempo brasileiro breve, mas duradouro*, editado pelo Centro de Estudos Ibéricos, na Guarda (2024); o volume 14 da *Revista de Estudos Literários*, do Centro de Literatura Portuguesa, dedicado ao tema «A Teoria da Literatura no Brasil», coorganizado com Diego Giménez (2024); e o livro *Nuno Ramos e a Experiência dos Limites*, coorganizado com Mario Cámara (Editorial Grumo, Buenos Aires, 2025).

PAULO FRANCHETTI é professor sênior da Unicamp, onde se aposentou em 2015 como professor catedrático. Publicou, no Brasil, entre outros livros, *Alguns aspectos da teoria da poesia concreta*; *Nostalgia, exílio e melancolia - leituras de Camilo Pessanha*; *Estudos de literatura brasileira e portuguesa*; *Sobre o ensino de literatura*; *Crise em crise – notas sobre poesia e crítica no Brasil contemporâneo*; e *Editoras universitárias para quê?* (com Plínio Martins Filho), bem como edições comentadas de *Dom Casmurro*, *Esau e Jacó*, *O Primo Basílio*; *A cidade e as serras*; *Coração, cabeça e estômago* e *Clepsidra*. Em Portugal, publicou a edição crítica da poesia de Camilo Pessanha; a antologia *As aves que aqui gorjeiam - a poesia do Romantismo ao Simbolismo* e o ensaio *O essencial sobre Camilo Pessanha*. De maio de 2002 a maio de 2013, dirigiu a Editora da Unicamp.

PEDRO SERRA, doutorado em Filologia, é professor catedrático na Universidade de Salamanca, onde lecciona e coordena os Estudos Portugueses e Brasileiros. É autor de livros e ensaios sobre literatura portuguesa, além de organizador de antologias e edições críticas. Traduziu obras de Edward Said e Fernando R. de la Flor. Dirige as cátedras de Estudos Portugueses e Galegos e o mestrado MELYCA na Universidade de Salamanca. Em 2022, recebeu o Prémio Nacional de Edição Universitária na categoria de Tradução.

ROBERTO VECCHI é professor catedrático de Literatura Portuguesa e Brasileira e de História das culturas de língua portuguesa na Universidade de Bolonha. É, desde 2007, coordenador da Cátedra Eduardo Lourenço (Camões-UNIBO). É coautor com Margarida Calafate Ribeiro de *Eduardo Lourenço. Uma geopolítica do pensamento* (Porto, 2023) e autor de *Fantasmagorias do retorno. Portugal e a nostalgia colonial* (Porto, 2025).

RESUMOS DAS COMUNICAÇÕES

2 de outubro

Roberto Vecchi, “Abel, Agatha, Machado e *The Murder of Roger Ackroyd*. Crítica literária e arte do esquecimento”

Procura-se repensar o trabalho editorial e crítico de Abel Barros Baptista na construção do volume de Machado de Assis, *Um homem celebre antologias de contos* (Lisboa, 2005) através de dois elementos. O primeiro é a ação da crítica na construção de uma memória literária. Como na construção de qualquer memória, o papel do esquecimento (e de uma controversa arte do esquecimento) é essencial abrindo o terreno para algumas problematizações de leitura e interpretação. O segundo é um contraponto com um dos mais conhecidos romances de Agatha Christie que mostra como a articulação literária (em analogia com o discurso crítico) e um uso experiente da memória e do esquecimento do leitor serve para construir uma determinada visão crítica onde o narrador, como o crítico, oculta-se e revela-se numa intermitência que solicita ser pensada.

Humberto Brito, “A Forma Livre”

Abel Barros Baptista observa que somos “hoje ... mais machadianos” uma vez que “aprendemos com Machado, até aqueles que nunca o leram, a perceber melhor o género romanesco.” (‘O romanesco extravagante’, 320). Aspecto decisivo desta compreensão é uma certa ideia de ‘forma livre’, discutida pelo Abel nas suas leituras das *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. A partir dessa discussão, tentarei examinar a ideia de forma livre e a sua relação com a forma da leitura.

Marcelo Brice, “O verdadeiro Machado De Assis? O confronto crítico de Abel Barros Baptista”

A presente comunicação traz um balanço empreendido por Abel Barros Baptista dos suportes que a crítica machadiana arregimentou para consolidar uma leitura, principalmente em embate com a interpretação de Roberto Schwarz. Tentaremos destacar os apelos ficcionais que o crítico mobiliza, com a presença de um Machado de Assis fortemente calcado na verdade que o texto propõe. Disso sairá um Machado de Assis mais clean e embaralhado, talvez, num diálogo que destaca aspectos mais universalistas da obra machadiana, e em confronto direto como uma tradição, dita localista.

Osvaldo Manuel Silvestre, “O Machado não camiliano de Abel Barros Baptista”

A comunicação parte de uma questão de resposta complicada – Qual é a natureza da estranha relação (em rigor, uma não-relação) entre Camilo e Machado no *corpus* de Abel Barros Baptista? – para tentar depois refletir sobre os pontos de contacto e linhas de fuga entre a abordagem que o crítico reserva para o grande romancista português e para o grande romancista brasileiro, tentando interrogar a sensação de estarmos perante dois corpora que são dois blocos estanques. Sendo muito provavelmente a sensação ilusória ou

errônea, tenta-se uma explicação para a força persuasiva da indiferença com que a questão é apresentada ao leitor.

Pedro Serra, “Autobibliografias, Ficção Literária e Atualidade do Close Reading”

Proponho, na minha comunicação, uma análise de *Autobibliografias* (1998), de Abel Barros Baptista, obra em que se articula uma reflexão rigorosa sobre o «livro» enquanto objeto literário mediante a leitura atenta de romances modernos, com especial incidência, como se sabe, em Machado de Assis. Argumento, neste sentido, que Abel Barros Baptista não só emprega o chamado *close reading* para dissecar recursos narrativos e formais, como também amplia essas técnicas ao problematizar o estatuto do livro – as suas possibilidades e os seus limites. A comunicação mostrará como *Autobibliografias* recupera maneiras do *close reading* – atendo a alguns problemas apontados por John Guillory no seu recente *On Close Reading* (2025) – para sustentar uma forma de crítica literária que interroga o género romanesco moderno através do livro, articulando algumas proposições sobre a relevância dessa reabilitação para a teoria literária contemporânea.

3 de outubro

Joana Matos Frias, “Repelir a solidão: a felicidade pela autobibliografia”

A partir de dois dos mais conhecidos títulos de ensaios de Abel Barros Baptista, um deles especificamente machadiano, ensaia-se uma conversa com certos pontos da leitura sempre acesa que Abel Barros Baptista fez de alguma crítica não-brasileira sobre Machado de Assis, em particular a dedicada ao romance *Dom Casmurro*.

Amândio Reis, “Nome sem Fantasma”

Em 2024, Abel Barros Baptista publicou numa rubrica de *espectrografias* um pequeno texto, intitulado “Ghosts can be trusted!”, que começa por ser sobre um fantasma sem nome e acaba sendo sobre um nome sem fantasma. Em 1877, Machado de Assis publicou no *Jornal das Famílias* “Sem Olhos”, um conto macabro que, se de início parece tratar-se de uma história de fantasmas, talvez produza, no fim, um fantasma sem história. Esta comunicação propõe explorar algumas relações improváveis entre estes dois textos, procurando perspectivá-los enquanto possíveis chaves de leitura um do outro e, no seu conjunto, enquanto comentários sobre a natureza linguística do fantasma e sobre a qualidade fantasmagórica da literatura enquanto arte da nomeação.

Clara Rowland, “Duas ou três coisas que sei sobre ela’: suposições na ficção de Machado”

Tomando como ponto de partida a exploração de hipóteses interpretativas no conto “Trina e Uma”, e a que aí se estabelece entre relação entre “modos de definir o título” e a “exposição do assunto”, procurarei interrogar alguns traços da ficção breve machadiana, em diálogo com a leitura do conto machadiano por Abel Barros Baptista em “Casos e homens célebres (emenda de Séneca)” (Três Emendas).

Alcir Pécora, “Uma crítica mesquinha”

Uma interpretação pessoal do sentido da crítica de Abel Barros Baptista à crítica brasileira da literatura de Machado de Assis como restritiva aos eventos da realidade nacional, seguida de uma interpretação pessoal da crítica brasileira à dificuldade de entendimento do que diz Abel Barros Baptista a propósito da literatura de Machado de Assis.

CRÉDITOS

Apoios: Direção da FLUC, Departamento de Línguas, literaturas e Culturas, Centro de Literatura Portuguesa, UNICAMP.

Comissão Organizadora: Osvaldo Manuel Silvestre, Alberto Sismondini, Henrique Júlio Vieira, Luiza Brugni, Aa Yu, Nathália Cioffi Lima.

Apoio Técnico e Divulgação: Keissy Carvelli